



**RELATÓRIO DE ACOMPANHAMENTO AO PROJETO**  
"Capacitação em Sistemas Sustentáveis de Agricultura e Criação Animal Para  
Alistados nas Frentes Produtivas"

**Centro Sabiá**

**COMUNIDADE SOLIDÁRIA**

**SUDENE**

Acompanhamento feito por Fernando Augusto Gonçalves

Pernambuco

Outubro /1998

**RELATÓRIO DA VIAGEM DE ACOMPANHAMENTO AO PROJETO  
"Capacitação em Sistemas Sustentáveis de Agricultura e Criação  
Animal Para Alistados nas Frentes Produtivas"**

**CENTRO SABIÁ  
COMUNIDADE SOLIDÁRIA/SUDENE  
ESTADO DE PERNAMBUCO**

**Acompanhamento feito por Fernando Augusto Gonçalves  
Outubro 1998**

### **1. APRESENTAÇÃO**

**D**uas organizações não governamentais, o Centro de Desenvolvimento Agroecológico SABIÁ e o Centro de Assessoria e Apoio aos Trabalhadores e Instituições Não Governamentais CAATINGA, são executores de projetos no Estado de Pernambuco.

Este relatório aborda o acompanhamento realizado pelo Téc. Fernando Augusto Gonçalves, junto ao projeto que vem sendo executado pelo Centro SABIÁ, desenvolvido com agricultores das frentes emergenciais da seca, nos municípios de:

Bom Jardim

Triunfo

Santa Cruz da Baixa Verde

São José do Belmonte

As viagens para acompanhamento foram realizadas em duas ocasiões: dia 22 e nos dias 25, 26, 27 e 28 de outubro de 1998.

Por motivos alheios a nossa vontade não foi possível acompanhar o projeto do Centro CAATINGA, o que deverá acontecer na primeira quinzena de novembro.

## 2. O PROJETO DO CENTRO SABIÁ

A tuando desde 1985, o Centro SABIÁ busca construir um modelo de agricultura familiar sustentável, através do desenvolvimento e da difusão de intervenções agroecológicas, trabalhando especificamente com a implantação de experiências baseadas no sistema agroflorestal.

Experimentando, sistematizando e difundindo a prática do agroflorestamento, baseada no cultivo de consórcios agrícolas de grande densidade e diversidade, o SABIÁ trabalha, como conseqüência, a recuperação de solos degradados e a análise crítica da agricultura tradicional e moderna.

Dessa linha mestra a entidade desdobra variados programas, como:

- o de comercialização e beneficiamento
- o de políticas públicas
- o de comunicação
- e o de capacitação e intercâmbio.

O projeto apresentado à SUDENE e ao COMUNIDADE SOLIDÁRIA, prevê a realização de 80 cursos, a serem oferecidos à famílias de alistados emergenciais, assim divididos:

- 40 para Sistemas Agroflorestais
- 20 para Criação de Caprinos
- 20 para Apicultura

Através deles, o SABIÁ espera:

- sensibilizar e difundir práticas agroflorestais
- capacitar para criação de pequenos animais e de abelhas

Pela estimativa feita pelo Centro SABIÁ, cada curso é realizado para 10 pessoas (representando 10 famílias) num total a ser atingido de 800 pessoas, em 04 municípios pernambucanos.

Em cada curso será viabilizado o intercâmbio com intervenções já iniciadas e acompanhadas pela equipe do Centro SABIÁ, as quais vêm conseguindo atravessar a estiagem, favorecendo credibilidade às propostas apresentadas pelos agrônomos durante os cursos.

### **3. O ACOMPANHAMENTO**

#### **3.1. BOM JARDIM**

Com uma área de 294 Km<sup>2</sup>, altitude de 334m. e situado a 110 km do Recife, o município possui 36.700 habitantes, dos quais cerca de 70% vive na área rural.

Localizado na zona fisiográfica denominada Agreste, considerada de transição, Bom Jardim faz parte de 02 ecossistemas o da Mata Atlântica e o da Caatinga, possuindo clima quente e úmido e um nível de precipitação pluviométrica variando entre 900 a 1.500 mm.

A zona rural ou agrícola abrange em torno de 18.000 ha, possuindo cerca de 5.400 estabelecimentos agropecuários, dos quais 96% são considerados minifúndios.

Bom Jardim é o principal município da área de atuação do Centro SABIÁ, onde as intervenções agroflorestais vêm sendo desenvolvidas há mais tempo e onde se pode observar um trabalho de sistematização e de difusão mais amadurecido.

Ali, a entidade estabeleceu parceria com o atuante Sindicato de Trabalhadores Rurais, que possui mais de 6.000 associados. Também desenvolve trabalhos com associações e grupos comunitários, além de fomentar a criação de uma Associação de Trabalhadores/as Agroecológicos, que atualmente se

responsabiliza pela execução de um sistema de comercialização de produtos naturais no Recife.

Estivemos em Bom Jardim acompanhados do Técnico José Aldo dos Santos (agrônomo e mestrando em administração rural), com o qual já havíamos nos reunido na sede do Centro SABIÁ, no Recife, juntamente com outra técnica da entidade Marleide Irineu dos Santos (bibliotecária).

Na área, pudemos acompanhar a realização de um dos cursos de Sistemas Agroflorestais, ministrado por Joseilton Evangelista de Souza, técnico em agropecuária, membro da equipe do Centro SABIÁ.



Durante o curso, realizado no salão comunitário de Umari, o téc. Joseilton de Souza, discute as vantagens do sistema agroflorestal, na economia da agricultura familiar.

O curso aconteceu para 20 representantes de famílias, entre agricultores e agricultoras, com utilização de vídeos e de outros recursos visuais e contando, sobretudo, com a participação

entusiasmada de duas agricultoras, difusoras do projeto e possuidoras de grande capacidade de comunicação e convencimento: Dona Cecília e Dona Beatriz.



Ao fundo, de pé, Dona Cecília dá o seu depoimento, baseado em mais de quatro anos de prática e de dedicação prazerosa

Em Bom Jardim, já se contam 10 intervenções deflagradas e acompanhadas pelos técnicos do SABIÁ. Tivemos oportunidade de conhecer de perto 03 dessas experiências ou intervenções, umas mais consolidadas que outras, todas elas assegurando resultados que vão além das nossas expectativas.

Logo pela manhã conhecemos a primeira intervenção, localizada no Sítio Feijão, que vem sendo realizada pelo agricultor Pedro Custódio. Parte de sua pequena propriedade situa-se numa encosta, onde o trabalho de erosão pela chuvas e pelos ventos se faz mais devastador. Toda a área estava com o solo fraco,

desgastado pelos sucessivos plantios de uma mesma cultura e pela ação destruidora das constantes queimadas. Há três anos, numa parte do seu terreno, Pedro iniciou um consórcio agroflorestal alternando às culturas anuais tradicionais, culturas frutíferas, forrageiras e leguminosas, além de culturas nativas daquela zona, resistentes a estiagem como: a palma, a serigüela, a leucena, o cajá, a maniçoba, a gliricídia, o sabiá, etc. "Pouco a pouco, fui aprendendo um jeito novo de plantar e manejar a roça", diz ele, "comendo e dando de comer ao solo". Tirando e alimentando a terra.



Pedro recebe o apoio de sua avó de 84 anos. Ao fundo a evidência do consórcio agroflorestal

Graças ao cultivo de espécies adubadoras, e a prática de podas programadas, o terreno foi sendo coberto e recoberto com sucessivas camadas de folhas e galhos cortados, preservando uma umidade inexistente nas terras brocadas do seu tio e vizinho, que

este ano parou de ridicularizá-lo, pela sua nova maneira de cultivar a plantação. É que só agora ele começou a ver os efeitos e as diferenças entre as duas maneiras de lidar com a terra. As coberturas vão se decompondo e se transformando em matéria orgânica que nutre e regenera o solo. Já é visível a diferença entre as duas terras. Uma seca e nua, com plantio de apenas uma ou duas culturas.



A divisão e as diferenças entre as duas terras

A outra vestida e verde. Recoberta de matéria orgânica e de plantas. Um pequena matinha em formação.

Uma mata produtiva.

Pedro começou a colher e, segundo ele, a colher o ano inteiro, mesmo com a prolongada estiagem. Prova disso é que todos os sábados está na feira de produtos ecológicos, que se realiza no

Recife, - resultado do trabalho do SABIÁ, buscando alternativas de comercialização -, sempre com produtos variados.



A formação da matinha e a busca de sincronização dos sistema

O almoço é uma oportunidade de relaxar, discutir e melhor conhecer uns aos outros. Nesse dia aconteceu na casa de um outro difusor, Seu Cláudio, que juntamente com sua mulher Dona Terezinha e a filha, se tornaram difusores do trabalho. Juntos desenvolvem, há dois anos, uma intervenção que vem dando grandes resultados, alinhando a implantação do sistema com a criação de gado, porcos e galinhas. Contando com uma propriedade de pouco mais de 4ha., Seu Cláudio vem fazendo uma das intervenções mais bem planejadas e para isso vem recebendo, desde o início, o apoio e o acompanhamento técnico da equipe SABIÁ. Ele e Dona Terezinha, são dos mais freqüentes e entusiasmados participantes da feirinha ecológica do Recife, tendo conseguido um aumento real da renda familiar, desde que o sistema entrou em

produção. Segundo Seu Cláudio, " já houve vez que fiz 360,00 reais na feirinha", declara orgulhoso para os outros companheiros.



Guiados por Seu Cláudio, alunos e alunas do curso começam a conhecer a experiência.

Conhecer de perto as intervenções que estão em curso, nos pareceu o grande trunfo da equipe técnica. Daí a opção por se desenvolver o projeto em municípios onde a entidade já tem um trabalho, tornando viável apresentar aos alunos experiências concretas e bem sucedidas e, onde também seja possível eleger alguns deles, que de fato se decidam a iniciar intervenções, para que se possa dar prosseguimento ao acompanhamento.

É vendo e conversando com outros agricultores/as, de igual para igual, que os novos se decidem a dar um novo passo.



Visitando a experiência de Seu Cláudio, os alunos comprovam o que foi ensinado



Homens e mulheres agricultores cultivando uma nova relação com a terra e a natureza

A terceira e última intervenção visitada foi no sítio de D. Cecília, também localizado em Umari. O trabalho já tem quatro anos de iniciado e hoje os resultados são palpáveis. Entretanto o melhor resultado é o que se passou com Cecília. O saldo mais positivo é a própria Cecília, que se tornou uma difusora, ou melhor dizendo, o testemunho vivo do quanto uma intervenção agroflorestal pode mudar na terra e na cabeça de quem executa. Em seu depoimento Cecília conta as desventuras de sua família no trato com a terra. As inúmeras e inúteis tentativas de plantio "essa terra aqui era um deserto. Não tinha um sombra prá se abrigar. O sol queimava o dia todo na cara da gente. A terra nua e a gente com as enxadas cavando. Mas num dava nada. Aí vinha a chuva, lavava a terra e levava o resto.

Até que meu homem desistiu e foi embora com meus outros filhos prá São Paulo,

Fiquei só com o meu mais novo e apareceu Flávio... Flávio da Sabiá, num sabe!?... que com grande paciência começou a me ensinar. Agora até eu me convencer e de fato começar, levou tempo!!

Aí comecei! O povo daqui me diziam que eu tava ficando doida. Que isso tudo era loucura desses meninos que vinham de fora. Que isso num dava certo e eu ia me arrepender.

Hoje tudo mudou! Mudou minha terra, mudou minha vida!

Isso aqui é meio hectare de terra, mas só vendo o que eu tenho tirado daqui. Só vendo o tudo que eu aqui já aprendi.

Aprendi a amar e respeitar a terra como se fosse gente.

Troquei a enxada pelo facão.

Hoje eu tenho prá comer e prá vender.

Tenho certeza que de novo vou reunir minha família"

Cecília nos pareceu uma mulher madura, contente com o que ganha e com o que faz. Parece ficar mais feliz quando conta para os outros a sua experiência. Ela é um exemplo e um estímulo à outras mulheres e aos homens, que como ela duvidam e receiam em mudar.

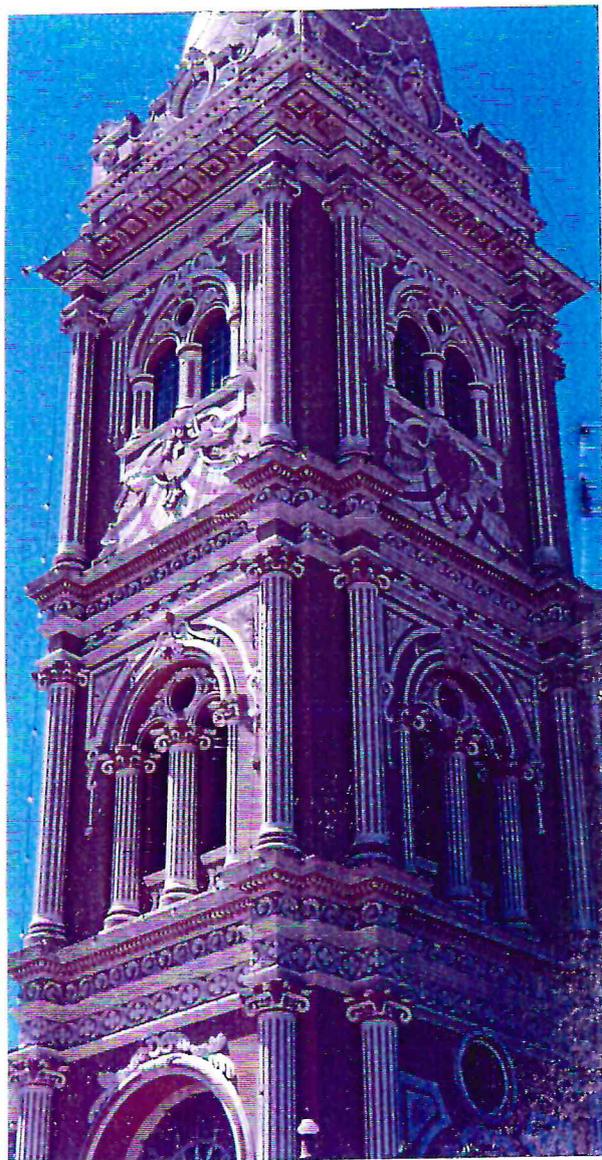
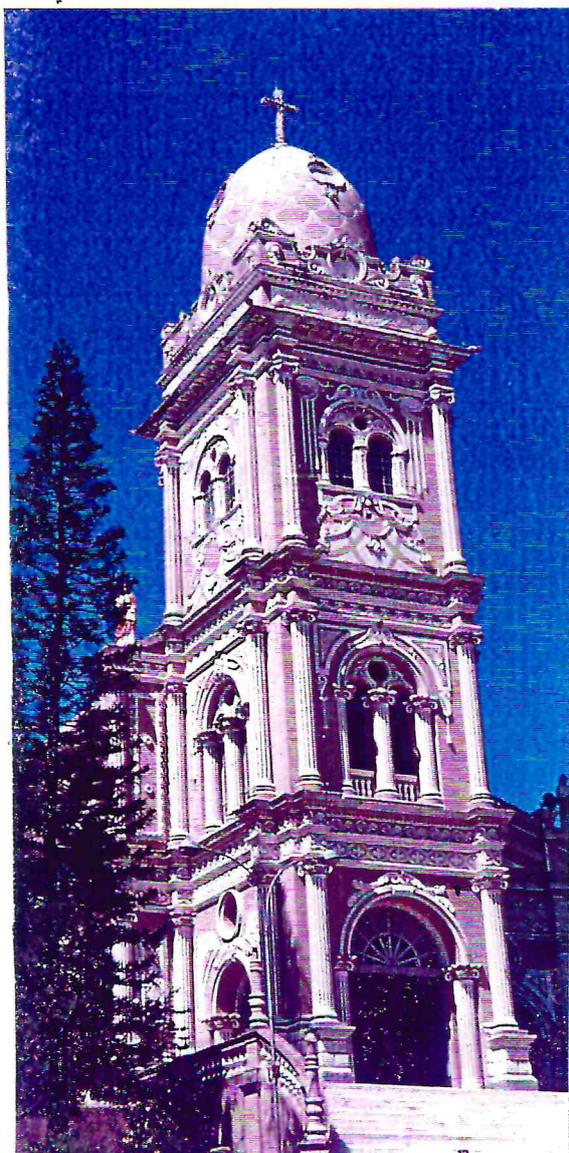
### 3.2. TRIUNFO

O IBGE enquadra Triunfo na Mesorregião do Sertão Pernambucano, pertencente a Microrregião do Pajeú. Possui uma área de 157,7 km<sup>2</sup>, situando-se a 451 Km do Recife, (dados da Prefeitura de Triunfo, que se contrapõem aos encontrados no doc. Agricultura Agroflorestal no Nordeste do Brasil" de Avanildo Duque da Silva, Centro SABIÁ, Recife, 1988, no qual se afirma ser a área de 299Km<sup>2</sup> e a distância do Recife de 411 Km.), limitando-se ao norte com a Paraíba, precisamente com o município de Princesa Isabel. Localizado na zona fisiográfica denominada Serra da Baixa Verde, conjuga um micro-ecossistema de altitude, com semelhanças com a Mata Atlântica e áreas com a formação de Caatinga. Plantado no alto da Serra, o município ser conhecido como o "Oásis do Sertão", nele situando-se o ponto culminante de Pernambuco, o Pico do Papagaio, a 1.260m de altitude.

Considerado instância turística pelas suas condições climáticas, seu povoamento tem início nos fins do XVIII, tendo como marco a figura do pioneiro Frei Ângelo Maurício de Niza, que formou um aldeado no local e uma "casa de oração", dando início ao desenvolvimento da Baixa Verde, No XIX, já se tornara uma vila e possuía uma grande feira, despertando rivalidades com os povoados vizinhos, terminando por se conflagrar com a então localidade de Flores. Triunfantes, regressaram vitoriosos os feirantes da Baixa Verde, que desde, então. recebeu o nome de Triunfo.

Sendo o menor de todos os municípios do sertão pernambucano, Triunfo teve dos anos 20 aos anos 50, sua fase de apogeu, com o cultivo do café e da cana. A cidade adquiriu força econômica, introduziu a produção da rapadura (açúcar escuro compactado em barras), feita em pequenos engenhos que se multiplicaram pelo município. Os anos 60 marcam a decadência econômica e cultural da cidade. Restaram marcos de inquestionável valor deixados no seu patrimônio edificado, de que são exemplo o casario da Rua Grande e do Largo da Matriz (hoje parcialmente

desfigurados), a igreja Matriz de N. Sra. das Dores e o conhecido Cine Teatro Guarany, com sua imponente fachada, as margens do açude. Estes marcos de tanta significância para a história de Pernambuco, levaram o grande criador da atual política de preservação do patrimônio brasileiro, nosso saudoso **Aloísio Magalhães**, a dar o nome de "E Triunfo?", a sua mais importante obra sobre a questão de preservação dos nossos bens culturais



Vista parcial da Igreja e detalhe da torre, com seu requintado trabalho de estucaria decorativa, único nas igrejas do interior de Pernambuco, símbolo de uma época de prosperidade econômica



Vista geral da cidade. No alto a torre da Matriz e em primeiro plano a imponente fachada com 38 janelas do Cine Teatro Guarany. Ambos símbolos representativos dos tempos de apogeu das culturas da cana e do café, hoje em franca decadência

Em Triunfo não pudemos acompanhar cursos, pois haviam sido realizados na semana anterior. Pudemos conhecer e discutir o trabalho que é conduzido pela técnica em agropecuária, Nôrmeide de S. Farias, conhecida como Neide, e dois excelentes difusores, também executores de intervenções agrofloretais, Edmilson Soares e Antonio Adailton Sabino. Os três têm grande capacidade de articulação, estabelecendo parcerias e difundindo a prática do Sistema de Consórcio Agroflorestral, tanto nos cursos ministrados para alistados/as como fora deles, no trabalho que o Centro SABIÁ já desenvolve, especialmente com agricultores jovens, num esforço para fixá-los na suas comunidades, afastando a miragem de São Paulo como terra de promessa.

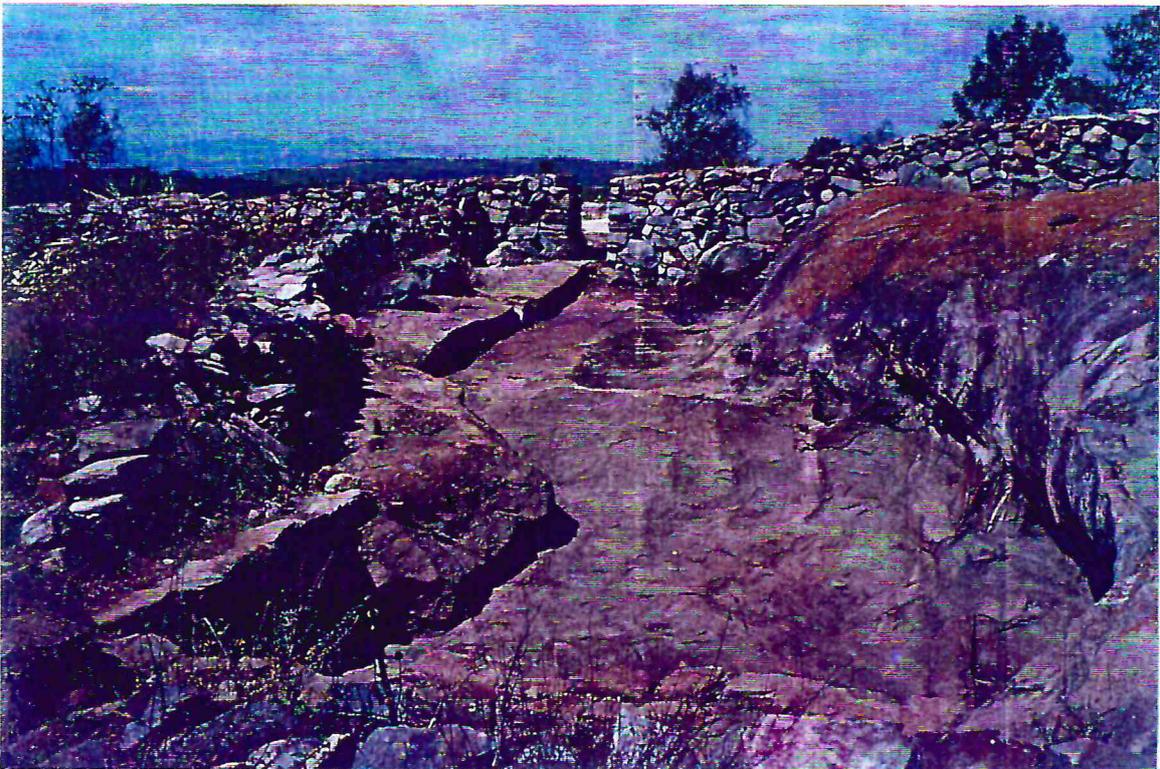
Primeiramente Neide nos levou a conhecer a intervenção em andamento no Sítio Sto. Antonio, que chama atenção pelo consórcio feito em torno da cana de açúcar, um clássico e

paradigmático exemplo de monocultura. A experiência tem cerca de 3 anos e é realizada pelo difusor Edmilson.,

Outro consórcio se dá entre o milho com a pinha, o feijão guandu, o café, o abacate e o andu. Tudo isso mantendo e expandindo as culturas nativas e a elas acrescentando, através do plantio de estacas de cajaranas, serigüelas, e outras. Ele observa que "no consórcio da cana, ela engrossa a touceira enquanto as outras plantas crescem. Para isso se deve manejar certo, tirando a palha seca, que vai recobrir o solo e cortando a cana no tempo certo". A intervenção se localiza em encosta e o cuidado é redobrado, fazendo o plantio atravessado, plantando árvores nativas e forrageiras que fixam o solo e diminuem a erosão dos ventos, além de se valer das cercas de pedras, material muito encontrado e bastante utilizado.



As cercas de pedra de Triunfo. Costume e saber dos agricultores, seja como elemento divisório ou de proteção, ou ainda com recurso de contenção dos solos das encostas, durante as chuvas e aluviões das serras



Dois aspectos de técnicas: o caldeirão para guardar a água e o curioso resultado da ensilagem do bagaço da cana, de um ano para o outro



No limite da cerca que separa a roça de Edmilson e do seu vizinho, Neide observa, a diferença entre os dois solos

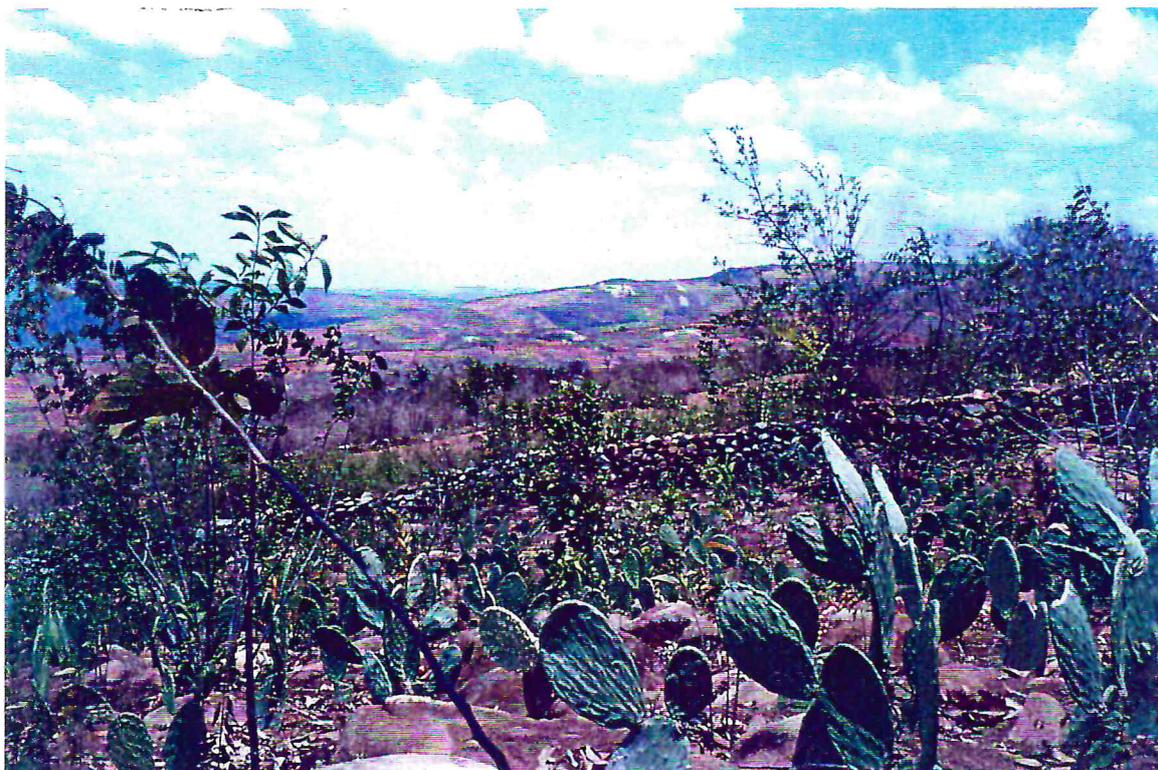
Ainda em Triunfo fomos conhecer o trabalho do Seu Afonso, outro agricultor, que com toda a sua família desenvolve experiência agroflorestal no pequenino quintal de sua casa.. A intervenção acontece no Sítio Jericó, distante 20 km da sede do município. É difícil crer que num pedaço de terra tão pequeno, um fundo quintal, cercado com tela de galinheiro, possa existir uma diversidade e uma profusão de culturas como aquela. Seu Afonso abriu um pequena valeta até o terreno, aproveitando toda a água de gasto consumida na sua casa e foi plantando. O resultado hoje é a existência de uma matinha, onde se alternam bananeiras com enormes cachos, abacateiros, acerolas, cajazeiros, chuchuzeiros, maracujá, leucenas, mangueiras, além de feijão guandu, burra leiteira e ervas medicinais variadas. Só possuindo esse pedaço de terra, a família de Seu Afonso, aprende a manejar as culturas, fazendo a poda seletiva, garantido frutos e folhas o ano inteiro.

### 3.3. SANTA CRUZ DA BAIXA VERDE

**E**mancipado de Triunfo há cerca de 10 anos, Sta. Cruz da B. Verde, segundo dados do IBGE local, tem 90km<sup>2</sup> com uma população variando em torno de 12 a 12.500 hab. Possui as mesmas características climáticas que Triunfo, abrigando a mesma variável de ecossistemas, presentes na zona fisiográfica da Serra da B. Verde.

O SABIÁ também já realiza trabalhos neste município, atuando ainda no nível das políticas públicas no que se refere a agricultura. O atual secretário, Severino Soares de Lima, é um difusor do sistema agroflorestal e membro da entidade.

Dono de 4 ha. de terra, um dos mais jovens difusores envolvidos no projeto é Antonio Adailton Sabino, que no Sítio Gavião, desenvolve uma das mais promissoras intervenções dentre as que conhecemos. Trabalhando sozinho e ainda estudando, Antonio vem dedicando a roça o melhor dos seus empenhos e, não fosse a prolongada estiagem já estaria com resultados mais expressivos. Selecionando partes do lote de acordo com declividade e solo, vem implantado diferentes consórcios, procurando criar uma cobertura para a terra. Em todos os consórcios vem espalhando forrageiras, leguminosas e frutíferas que lhe garantam futura cobertura de matéria orgânica, ração e frutos. Por toda a parte mororós, aroeiras, paus piranhas, mangueiras, cajueiros, pinhas, sabiás e leucenas, vão alterando a aridez da terra e se integrando na composição de um sistema.



Antonio (sentado) e Edmilson, ambos difusores do projeto, trocam conhecimentos sobre suas experiências com um novo tipo de agricultura

### 3.4. SÃO JOSÉ DO BELMONTE

De Triunfo a Belmonte tivemos que alugar um carro, para garantir presença no curso sobre criação de caprinos, a ser iniciado no dia seguinte, logo no começo da manhã, em sítio afastado.

A chegada em Belmonte dá a falsa impressão de que ali não houvera ocorrido seca. Aléias de eucaliptos e palmeiras imperiais guarnecem a entrada da cidade. Mas o verde fica aí, ou restrito a grandes propriedades particulares, com direito a poços artesianos e irrigação. No mais a cidade é cercada pela caatinga.

Na manhã seguinte, na carroceria de uma caminhonete, Neide, uma alfabetizadora, um membro do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, ambos também difusores do projeto, partimos até uma localidade a cerca de uns 25 km, onde se daria o curso. Entramos caatinga a dentro até não ver mais nada verde.

Não havia lugar, à sombra, para acomodar os 20 participantes. Quase não havia árvores, as poucas encontradas eram de pouca copa. Neide buscava uma espaço onde houvesse energia elétrica, possibilitando o uso do projetor de slides. Até então, todos os cursos feitos em Belmonte foram realizados, quando não em casas de famílias, porém sempre em locais sem energia elétrica. Finalmente, no Sítio Aroeiras, encontramos uma casa de moradores, com uma pequena sala - única alternativa disponível -, onde apertando, poderia dar todo mundo. Além disso dispunha de energia elétrica.

Descemos os sacos com a feira: feijão, arroz, farinha, carne de bode e melancias. Um banquete... uma alegria! Chegaram as mulheres que iam fazer a comida, foram arranjadas cadeiras e bancos, Mas houve uma confusão de horários e uma parte de sitiantes não viera. Decidiu-se que o curso não poderia ser realizado com menos de 20 pessoas. O carro do sindicato com a professora,

vai até outros sítios, buscar as mulheres inscritas para o próximo curso. Neide muito preocupada: atraso de mais de quase 2 horas.

Finalmente chegam as mulheres, todas interessadas, todas agradecidas. Começa o curso, Apresentações são feitas. Cada pessoa uma história e em todos a mesma fome. Quase todos são moradores. Ninguém tinha terra, ninguém era dono de nada. A grande maioria ali nascera, sem que até hoje conquistassem o direito de posse. .

Cada um recebe uma pasta, com papeis e uma cartilha colorida sobre agroflorestas. Nova alegria! Mesmo confessando que apenas dois sabiam ler.

Com precisão e paciência a técnica vai explicando os fundamentos da criação de caprinos e de pequenos animais. Devagarinho as pessoas vão se comunicando. Dona Luzia tem 14 filhos e é vaqueira. Cria bois, vacas, bodes e cabras. Só que a criação é toda do patrão, é claro. Um jovem rapaz, com jeito de líder, chamado Antonio Braga, afirma que todo mundo ali criava bode, até que em Belmonte os grandes proprietários fizeram a chamada Lei do Travessão, que proibiu definitivamente a criação solta. Sem terras para cercar e muito menos para fazer pasto, a comunidade foi abandonando a criação, perdendo-se assim uma das mais importantes fontes de alimentação da caatinga.

O envolvimento da turma era geral, mas esbarrava sempre na questão da propriedade da terra e da ausência de ração. Num determinado momento o impasse estava criado.

A pequena sala, sem janelas, estava lotada e o calor do pino do meio dia parecia entorpecer a todos. Do lado de fora o sol rachava a terra nua, destituída de sua vegetação natural, sem nenhuma outra para substituí-la. Começou uma ventania varando a caatinga seca, sem encontrar pelos campos nada que a refrescasse. Os ventos levantavam o pó seco do barro e corrupios e redemoinhos, começaram a se formar, tal qual pequenos tufões.

Um deles adentrou a sala e em questão de segundos estávamos vermelhos, recobertos de pó do barro. Nada foi melhor para explicar e fornecer o gancho sobre a questão da agricultura desmatadora, sobre a relação desrespeitosa deles e de tantos outros agricultores para com a natureza e a terra que lhes dá sustento. Perguntados se esses ventos existiam quando eles eram crianças, todos responderam que não. Havia árvores, havia arbustos, a terra nem era nua, nem solta e discussão sobre a agrofloresta estava pronta para se deflagrar.

Por que desmatamos?... Por que queimamos o solo acabando com sua cobertura de micro organismos?... Por que brocamos a golpes de enxadas e raspamos a terra?... Por que a monocultura?... Por que a roça é tão repetitiva e o prazer de cultivar se esvai ficando apenas o cansaço?... Por que lutamos tanto contra a natureza?... Por que as estiagens eram mais esparsas no passado e as colheitas maiores?... Enfim, por que a terra tem sempre que nos dar se a ela nada damos que a revigore?...

Homens e mulheres de rostos sulcados, começavam eles próprios a encontrarem as respostas. Parecia que tudo estivera adormecido e de repente começava acordar. O método da sucessão natural estava dentro de cada um deles. Não foi difícil entender que plantamos não somente para termos o alimento mas também para alimentar a terra.

Ao cair da tarde, o sol brilhando como bola de fogo, parecia nos dizer que mais uma vez, agricultores e agricultoras, haviam descoberto algo de muito importante para suas vidas. E que a construção da agrofloresta começava a germinar, como que abrindo uma esperança no seio seco da caatinga.

fernando augusto gonçalves  
Consultor do Programa Comunidade Solidária  
Olinda, 31 de outubro de 1998.



No curso, mulheres e homens do sertão discutem criticamente a agricultura, dita moderna e o modelo tradicional monocultor



Em frente ao casebre a alegria de estar participando



*A impressão final é de que as cabeças reverdeceram e o desejo de começar de novo, de forma diferente, foi revigorado*

## FONTES

ATLAS DO MEIO AMBIENTE DO BRASIL - Embrapa, 1996

PLANO MUNICIPAL DE DESENVOLVIMENTO RURAL - PMDR de Bom Jardim -PE, 1996

TRIUNFO - OÁSIS DO SERTÃO - Prefeitura Municipal do Triunfo

SECA UM PROBLEMA QUE TEM SOLUÇÃO - Forum Seca, Recife, 1995

IBGE consultas diversas via Internet

MANEJO DE SOLO - Governo do Estado de Pernambuco - Secretaria de Agricultura

Materiais didáticos (diversos) elaborados pelo Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada de Juazeiro da Bahia - BA

A ROÇA NA CAATINGA - Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada - IRPAA - Paulo Afonso -BA, 1996

HABERMEIRER, Kurt. Como Fazer Diagnóstico Rápido e Participativo da Pequena Produção Rural - Recife-PE, Centro Sabiá, 1995

HABERMEIRER, Kurt; SILVA, Avanildo Duque da. Agrofloresta: um novo jeito de fazer agricultura. Recife-PE: Centro Sabiá, 1998

SILVA, Avanildo Duque da. Agricultura Agroflorestal no Nordeste do Brasil.

REDAÇÃO

DIGITAÇÃO

DIAGRAMAÇÃO

FOTOS

fernando augusto gonçalves